



# **A prática política em "tempos de clandestinidade": as táticas dos militantes do PC do B para convencer os moradores do Araguaia ao projeto de guerra popular prolongada**

Political practice in "times of clandestinity": PC do B's militant  
tactics to convince residents of the Araguaia to the project of  
prolonged popular war

**Wellington Sampaio da Silva**  
Doutorando em História Social  
Universidade Federal do Ceará  
sampaio.well@bol.com.br

**Recebido em:** 21/09/2017

**Aprovado em:** 25/12/2017

**RESUMO:** A Guerrilha do Araguaia, movimento armado arquitetado pelos militantes do Partido Comunista do Brasil (PC do B), nas décadas de 1960 e 1970 na região do Araguaia, constitui uma temática já bastante evidenciada pela historiografia contemporânea. Ao longo de mais de 40 anos após o fim do conflito armado, diferentes autores(as) vêm buscando interpretar esse acontecimento da história de nosso país seguindo diferentes perspectivas. O artigo discute o cotidiano e a política enquanto relações tecidas no campo micro, isto é, das maneiras de viver e fazer inseridas no dia-a-dia dos moradores do Araguaia nesse período. Para fazer a revolução, meta principal dos militantes do PC do B no Araguaia, estes tiveram que reinventar suas práticas políticas e se adaptar ao universo cultural dos moradores da região, influenciando seu cotidiano e sendo influenciados por eles. Nesse sentido, a partir dos relatos orais de ex-guerrilheiros, da documentação publicada pelo PC do B sobre o movimento e das memórias de alguns moradores da região, construímos uma versão das relações estabelecidas por esses dois grupos.

**Palavras-chave:** Guerrilha do Araguaia, Cotidiano, Política.

**ABSTRACT:** The Araguaia Guerrilla - an armed movement devised by the militants of the Communist Party of Brazil (PC do B) in the 1960s and 1970s in the Araguaia region - is a theme already well evidenced by contemporary historiography. Over 40 years after the end of the armed conflict, different authors have sought to interpret this event in the history of our country from different perspectives. This article discusses the daily life and politics as relations woven in the micro field, that is, the ways of living and making insertions in the daily life of residents of Araguaia in that period. To make the revolution, the main goal of PC do B militants in Araguaia, they had to reinvent their political practices and adapt to the cultural universe of residents in the region, influencing their daily life and being influenced by them. In this sense, from the oral reports of ex-guerrillas, from the documentation published by the PC do B on the movement and memories of some residents of the region, we constructed a version of the relations established by these two groups.

**Keywords:** Araguaia Guerrilla, Daily life, Politics.



A gente vivia num país em que se você tinha uma posição política era preso, era processado. *Você não tinha como continuar com a sua posição política se não fosse indo pra clandestinidade. Pra se manter na clandestinidade você tinha que fazer algum tipo de política também, porque não é esconder num buraco e ficar, certo?* Porque ai você não tá protegido. A responsabilidade é de quem depôs o governo eleito. Porque enquanto se respeitava o governo eleito tinha greve, tinha manifestação, tinha não sei o que, certo? Mas no geral a ordem do país tava mantida, eles acabaram com a ordem. Então, quem acabou com a ordem, com a estabilidade política neste país foi quem deu o golpe, não foi à esquerda, certo? Então ... e a gente não tinha caminhos, tinha o exílio, certo? E mesmo assim alguns morreram por lá.<sup>1</sup> (Grifos meus)

O depoimento acima da ex-guerrilheira Criméia Alice Schmidt de Almeida (Alice) é bastante emblemático para o início desse artigo, pois especifica bem o contexto no qual os militantes do Partido Comunista do Brasil (PC do B), enfrentaram para deixar suas famílias, cidades e identidades e buscarem outras formas de se fazer política no Brasil na época do regime civil-militar.<sup>2</sup> Contudo, antes de focar minha discussão nessa prática, gostaria de explicitar como cheguei a essa temática.

Um fator bastante relevante para o meu envolvimento com a temática da Guerrilha do Araguaia, deu-se em primeiro lugar, devido a minha proximidade geográfica com a região onde ocorreu o conflito, entre as Forças Armadas e os militantes do PC do B entre os anos de 1966 a 1974, considerando-se para essa datação, a chegada dos primeiros guerrilheiros à região e o fim dos combates.<sup>3</sup> Viver nesse ambiente, conhecer pessoas que conheceram ambos os lados da história (militares e guerrilheiros), despertou, inicialmente, minha curiosidade em saber mais sobre a guerra pouco conhecida pelos próprios brasileiros. O que foi esse conflito? Por que ocorreu naquele lugar? O que as pessoas falavam e silenciavam sobre essa experiência? Foram questões como essas, que busquei responder ao longo do mestrado, focando a discussão a partir

---

<sup>1</sup> Depoimento de Criméia Alice Schmid de Almeida ao programa ESPN Brasil. Disponível em: <http://www.msn.com/ptbr/video/assistir/ap%C3%B3s-40-anos-ex-jogador-e-militantefazrevela%C3%A7%C3%B5esincr%C3%ADveis-da-guerrilha-do-ar/vi-BBkFJo>. Acesso em: 22 out. 14.

<sup>2</sup> Utilizo aqui a análise de René Dreiffus para o golpe de 1964. Segundo ele, o golpe que levou os militares ao governo foi possibilitado pela aliança entre os setores civis e militares, daí, portanto, golpe civil-militar. Sobre essa questão ver DREIFUSS, Renè Armand. **1964: a conquista do Estado - Ação política, poder e golpe de classe**. Petrópolis: Vozes, 1981. Sobre essa questão do golpe civil-militar no Brasil é pertinente também destacar o livro dos historiadores Jorge Ferreira e Angela de Castro Gomes, **1964: o golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil**. Ver \_\_\_\_\_. **1964: o golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

<sup>3</sup> Após a descoberta da área da guerrilha, os militares realizaram três operações com o objetivo de acabar com o movimento. A primeira operação foi realizada de abril a junho de 1972, a segunda de setembro a outubro de 1972 e a terceira e última realizada de outubro de 1973 a dezembro de 1974. É válido destacar que diante das dificuldades das Forças Armadas localizarem os militantes do PC do B nas matas do sul do Pará, foi criada a chamada Operação Sucuri (Maio a setembro de 1973). Essa operação não se caracterizou pelo combate aos guerrilheiros, mas seu objetivo foi localizá-los na mata. Para isso, os militares do CIE (Centro de Inteligência do Exército) entraram na região disfarçados de membros da população local para mapear os locais e as pessoas que conviviam com os guerrilheiros. Dentre os vários trabalhos que focalizam essa questão, indico CAMPOS FILHO, Romualdo Pessoa. **Guerrilha do Araguaia – a esquerda em armas**. Goiânia: UFG, 1997.



das memórias dos moradores da região do Araguaia acerca do conflito armado na década de 1970. Questões não discutidas no mestrado na época, me levou a continuar estudando a temática da guerrilha, agora no doutorado, buscando problematizar as disputas de memórias que envolvem esse acontecimento da história contemporânea de nosso país através da escrita e publicações de livros. Pesquisa que se encontra até o momento em andamento.

Assim, a partir da metodologia da história oral, realizei em cinco cidades da região, entrevistas com alguns moradores (donas de casa, barqueiros, professores, comerciantes, quebradores de coco babaçu), enfim, pessoas que conviveram com os membros do PC do B e com os militares, totalizando 37 entrevistas.<sup>4</sup> Através delas e dos documentos produzidos pelo partido, resolvi escrever esse artigo discutindo a prática política dos militantes do PC do B no Araguaia. Prática essa, em tempos de clandestinidade, pois as identidades verdadeiras dos guerrilheiros e a sua filiação partidária não eram conhecidas pela população local.

Minha argumentação da prática política dos membros do PC do B, de certa forma, problematiza a própria afirmação desse partido quando diz que não houve o que eles consideravam “trabalho de massas” (trabalho de massas seria na visão do partido a conscientização política da população ao projeto de guerrilha), durante os primeiros anos em que ocorreu o contato de seus membros com os moradores do Araguaia, (forma do partido justificar, a meu ver, o não envolvimento dos moradores à causa revolucionária). Minha concepção, aqui, de política, vai além desse posicionamento das lideranças do PC do B, ao analisar a experiência de guerrilha na região do Araguaia. Considero, portanto, para efeito de análise nesse artigo, política enquanto práticas cotidianas. Entendo por práticas políticas as microrrelações estabelecidas no dia a dia entre os membros do PC do B e a população do Araguaia na qual percebo relações de micro poderes, assim como enfatizou Michel Foucault.<sup>5</sup> Dessa maneira, nas relações entre esses personagens não há um centro de poder, ele encontra-se dissolvido nas relações ali estabelecidas. Assim sendo, todas as ações dos membros do PC do B na região do Araguaia, tais como ajuda aos moradores nos seus trabalhos diários, assistência médica, alfabetização de moradores, envolvimento nas festas, conversas diárias junto aos camponeses, práticas esportivas etc, constituem, a meu ver, práticas políticas que visavam atrair os moradores para o projeto político

---

<sup>4</sup>As entrevistas foram realizadas entre os anos de 2005 e 2007 nas seguintes cidades: Tocantinópolis – TO, Porto Franco – MA, Araguaína – TO, Xambioá – TO e São Geraldo do Araguaia – PA. Cabe ressaltar, que embora a linguagem escrita e acadêmica exija obediência às regras gramaticais e ortográficas, nos depoimentos orais, aqui utilizados enquanto fonte, resolvemos optar pela maneira como cada morador fala. Assim, procuramos conservar os erros de concordância, ortografia, as expressões regionais, como forma de valorizar o universo geográfico e sócio-cultural das pessoas e também porque a fala dos moradores é o nosso objeto de análise nesse artigo.

<sup>5</sup> FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto da Mata. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.



dos chamados guerrilheiros.

Outra inquietação que me levou a enveredar por esse caminho da ênfase das práticas políticas a partir do cotidiano, foi à análise que fiz em relação aos trabalhos já escritos sobre a guerrilha, no qual a ênfase recai no aspecto político institucional, na história do PC do B e de suas lideranças e na opção pela luta armada. Minha ênfase, não nega esses aspectos, mas pretende levantar outras questões deixadas de lado por esses trabalhos. Aqui é pertinente uma reflexão sobre a produção historiográfica sobre a Guerrilha do Araguaia. De acordo com o banco de teses e dissertações da CAPES (Coordenação de Planejamento de Pessoal de Nível Superior), há dez trabalhos na área de história relacionados a temática da Guerrilha do Araguaia no período de 1995 a 2016.<sup>6</sup> Observa-se na produção historiográfica acerca da Guerrilha do Araguaia, duas tendências principais: os primeiros trabalhos/estudos estão voltados para uma análise do ponto de vista político institucional, isto é, seu enfoque recai sobre as questões políticas e econômicas, sobretudo a partir de uma análise do ponto de vista do materialismo histórico. São exemplos dessa escolha, os trabalhos de Romualdo Pessoa Campos Filho - *A esquerda em armas: história da Guerrilha do Araguaia (1972-1975)* e Deusdedith Alves Rocha Júnior - *A Guerrilha do Araguaia (1972-1974)*, ambos defendidos na década de 1990. A segunda tendência mais evidente, especialmente, em seis estudos realizados a partir dos anos 2000, é a análise da luta armada no Araguaia centrada na construção das memórias, sejam elas de ex-guerrilheiros, de seus familiares, dos moradores da região e dos militares.<sup>7</sup> São trabalhos, portanto, que se enquadram nas discussões propostas pela chamada "Nova História". Neles aspectos do imaginário, do cotidiano e das representações são problematizados por seus autores. Além desses estudos, existem ainda dois trabalhos, um defendido em 2008 e outro em 2012, que analisam, respectivamente, a

---

<sup>6</sup>É válido ressaltar que o site da CAPES (Coordenação de Planejamento de Pessoal de Nível Superior), não mencionou a tese do pesquisador Gilvane Felipe "**A Guerrilha do Araguaia (Brasil: 1966–1975)**", defendida no Institut des Hautes Études de l'Amérique Latine (IHEAL). Université de la Sorbonne Nouvelle (Paris III), em 1993, cujo pressuposto teórico para sua análise da Guerrilha do Araguaia também foi o materialismo histórico. Sobre a relação de trabalhos de história produzidos no Brasil acerca da temática da Guerrilha do Araguaia, ver <http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#/>. Acesso em: 06 out. 17.

<sup>7</sup>Os trabalhos destacados são os seguintes: CORREA, Carlos Hugo Studart. **O Imaginário dos Militares na Guerrilha do Araguaia (1972-1974)**. 01/04/2005 218 f. Mestrado em História. Universidade de Brasília, Brasília, 2005. SOUSA, Deusa Maria de. **Caminhos cruzados: trajetória e desaparecimento de quatro guerrilheiros gaúchos no Araguaia**. 01/04/2006. 295 f. Mestrado em História. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2005. SILVA, Wellington Sampaio da. **A Guerra Silenciada: memória histórica dos moradores do Bico do Papagaio sobre a Guerrilha do Araguaia**. 01/02/2008. 120 f. Mestrado em História. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, 2008. SOUSA, Deusa Maria de. **Lágrimas e lutas: a reconstrução do mundo de familiares de desaparecidos políticos do Araguaia**. 01/12/2011. 235 f. Doutorado em História. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2011. CORREA, Carlos Hugo Studart. **De algum lugar das selvas amazônicas: as memórias dos guerrilheiros do Araguaia**. 20/02/2014. 619 f. Doutorado em História. Universidade de Brasília, Brasília, 2014. BARBOSA, José Humberto Gomes. **A Guerrilha do Araguaia: Memória, esquecimento e Ensino de História na região do conflito**. 01/09/2016. 158 f. Mestrado Profissional em Ensino de História Instituição de Ensino. Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, TO, 2016. Disponível em: <http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#/>. Acesso em: 06 out. 17.



produção fílmica sobre a Guerrilha do Araguaia e os caminhos que levaram camponeses, militantes e militares ao Araguaia centrado no enfoque econômico e social.<sup>8</sup>

Cabe ressaltar que trabalhos como os de Irllys Barreira – *A cultura e a política: encontros frutíferos de uma agenda de pesquisa*, Karina Kuschnir - *Antropologia da política*, César Barreira – *Crimes por encomenda: violência e pistolagem no cenário brasileiro*, possibilitaram em termos metodológicos, um outro olhar sobre minhas fontes de pesquisa, levando assim, a questionar as práticas políticas relacionadas ao cotidiano na região do Araguaia na época da presença dos militantes do PC do B nessa área.<sup>9</sup>

Assim, parto da dimensão do cotidiano, aqui entendido conforme os pressupostos destacados por Michel de Certeau que leva em consideração a arte de viver e de fazer inscritas no cotidiano das pessoas comuns. No meu objeto, as relações entre os militantes do PC do B e os moradores da região, ora se apresentam como resistência, improvisação e/ou negociação através dos quais o homem comum se apropria do espaço, inverte objetivos e códigos, usando-os à sua maneira.<sup>10</sup> Dessa forma, o cotidiano desses personagens podem ser interpretados numa relação de sentido duplo, na qual as influências estão presentes nos dois grupos (guerrilheiros e moradores), um se ressignificando na tentativa de adaptar-se ao novo ambiente (floresta, rural e isolado), e o outro ensinado as táticas para se viver nesse ambiente. Aqui faço referência às mudanças radicais que os jovens militantes enfrentaram para se adaptarem ao mundo rural, pois vinham de um mundo urbano e agitado onde os conflitos políticos nesse período eram latentes.

A presença dos jovens militantes do PC do B na região do Araguaia possibilita uma série de questionamentos. O que teria levado esses jovens a abandonarem seus familiares e amigos nas suas cidades e levados até a região do Araguaia? Por que decidiram organizar uma guerra popular prolongada? Por que optaram por essa forma de se fazer política? Quem eram esses jovens? A que grupo ou classe social pertenciam? Buscando encontrar prováveis respostas para esses questionamentos, e partindo do meu lugar social, que é historiador para usar um termo proposto

---

<sup>8</sup> São respectivamente os seguintes trabalhos: GUERRA, Fabiana de Paula. **Luta armada em foco: a guerrilha do Araguaia nas telas do cinema**. 01/09/2008. 134 f. Mestrado em História. Universidade Federal de Uberlândia, MG, 2008. MECHI, Patrícia Sposito. **Os protagonistas do Araguaia: trajetórias, representações e práticas de camponeses, militantes e militares na guerrilha (1972-1974)**. 01/09/2012 401 f. Doutorado em História. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <http://bancodeteses.capes.gov.br/bancoteses/#/>. Acesso em: 06 out. 17.

<sup>9</sup> BARREIRA, Irllys. *A cultura e a política: encontros frutíferos de uma agenda de pesquisa*. In: **Revista de Ciências Sociais**, UFC, Fortaleza, vol. 28, 1997. KUSCHNIR, Karina. **Antropologia da Política**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2007. BARREIRA, César. **Crimes por encomenda: violência e pistolagem no cenário brasileiro**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 1998.

<sup>10</sup> CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano: artes do fazer**. Petrópolis, Vozes, 2005. p. 47.



por Michel de Certeau,<sup>11</sup> vejo ser importante situar o que ocorria no Brasil e no mundo em relação ao papel dos jovens nesse período no qual estou tratando. De forma geral, na década de 1960 a nível mundial vive-se um período fortemente marcado pela “Guerra Fria”.<sup>12</sup> E nesse sentido, o final da década de 1950 marcou esse cenário através da Revolução Cubana, modelo de luta e resistência, sobretudo para os países da América Latina. Além disso, o mundo assistiu a derrota dos EUA na Guerra do Vietnã, fato que torna-se para vários grupos de esquerda, um paradigma de luta revolucionária.

Contudo, no caso específico da Guerrilha do Araguaia, o paradigma de revolução seguido pelos militantes do PC do B, foi o chinês. Isto é, a guerra popular prolongada. Segundo este modelo, o cerco das cidades aconteceria pelo campo, em regiões que possibilitassem o apoio da população. A guerra de guerrilhas, diferentemente das chamadas guerras regulares, tem como particularidade desorientar o inimigo, mesmo que este seja mais forte. Nesse sentido, afirma Mao Tsé Tung: “O inimigo avança, nós recuamos, o inimigo imobiliza-se, nós flagelamos, o inimigo esgota-se, nós golpeamos, o inimigo retira-se, nós perseguimos”.<sup>13</sup>

Dentre os vários documentos do PC do B em que há influência do pensamento de Mao Tsé Tung, o mais significativo é *Guerra popular – caminho da luta armada no Brasil*, elaborado em 1969. Nele, o partido definiu a estratégia e a tática a serem utilizadas para a tomada do poder político, a partir da guerra popular prolongada até a formação de um exército regular, tendo como base o interior do país. Dessa maneira, a conquista do poder político partiria do campo para as cidades. Vemos, assim, a tentativa do PC do B em adequar a experiência chinesa à realidade brasileira. Nesse contexto, afirma o documento:

Desta forma, a luta armada poderá surgir de distintos motivos e em vários pontos do Brasil do interior. Em seu começo, as ações armadas têm em vista infundir mais confiança às massas em suas forças, aumentar sua capacidade de luta e ajudá-las a compreender a necessidade de apelar para as armas como o único meio de conquistar uma vida melhor. Pouco a pouco, com os êxitos e as experiências obtidas, a luta armada irá se estendendo a diferentes áreas. Chegará a ocasião em que, devido ao fortalecimento das forças revolucionárias e à dispersão e ao debilitamento do inimigo, a guerra popular se travará não só nas regiões mais distantes, mas também em áreas próximas dos grandes centros.<sup>14</sup>

A opção do PC do B pelo maoísmo também se explica pelo contexto do comunismo

---

<sup>11</sup> CERTEAU, Michel. A operação historiográfica. In: **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982. p. 65-128.

<sup>12</sup>Em relação a problemática da Guerra Fria, ver HOBSBAWM, Eric. Guerra Fria. In: HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX - 1914-1991**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 223-252.

<sup>13</sup>TSÉ-TUNG, Mao. **Escritos militares**. Goiânia: Libertação, 1981, v. 1. P. 116.

<sup>14</sup>POMAR, Wladimir. **Araguaia: o partido e a guerrilha**—Documentos inéditos. São Paulo: Brasil Debates, 1980. P. 108.



internacional a partir da década de 1950. Foi naquela década, sob a liderança de Nikita Krushev, que vieram a público os crimes cometidos por Stalin durante os anos em que este governou a União Soviética e foi o secretário geral do Partido Comunista daquele país (o PCUS). Assim, no XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), realizado em 1956, foram definidas, de forma geral, as seguintes teses: a coexistência pacífica entre socialismo e imperialismo e a transição pacífica do capitalismo para o socialismo.<sup>15</sup> Diante desse cenário, qual foi a atitude tomada pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB), até então, o único partido comunista existente no Brasil? Nele formaram-se dois grupos políticos: um deles, adepto das resoluções aprovadas pelo PCUS, e outro, crítico da linha política adotada por aquele partido.<sup>16</sup> Essa discussão é bem ampla e, como não constitui o tema central do artigo, não vou aprofundá-la, mas destacar alguns aspectos centrais para entender a opção do PC do B pela via revolucionária para a conquista do poder, e sobretudo, a sua prática de luta armada no Araguaia tendo como modelo teórico o maoísmo. As divergências entre esses dois grupos, em especial, em relação ao caminho adotado para se implantar o socialismo no Brasil, culminou com a cisão do PCB e a criação do Partido Comunista do Brasil (PC do B), em 1962. Com a cisão, o PC do B, buscou se alinhar em termos ideológicos ao Partido Comunista Chinês, fundamentando seu modelo de revolução socialista a partir dos princípios estabelecidos por Mao Tsé Tung, conforme destaquei anteriormente. Nesse sentido, mesmo antes do golpe civil-militar de 1964, o PC do B começou a enviar militantes do partido para se especializarem em guerrilha rural, na China, prática que se estendeu até 1966. Destaco, por exemplo, alguns deles: Osvaldo Orlando da Costa (Osvaldão), João Carlos Haas Sobrinho (Juca), André Grabois (Zé Carlos), José Humberto Bronca (Zeca Fogoió), Paulo Mendes Rodrigues (Paulo), Daniel Ribeiro Calhado (Doca), Divino Ferreira de Souza (Nunes, Goiano), Gilberto Olímpio Maria (Pedro, Pedro Gil), Miguel Pereira dos Santos (Cazuza), Nelson Lima Piauhy Dourado (Nelito) e Micheas Gomes de Almeida (Zezinho).<sup>17</sup>

---

<sup>15</sup> FELIPE, Gilvane. **A Guerrilha do Araguaia** (Brasil: 1966–1975). Tese de doutorado apresentada ao Institut des Hautes Études de l'Amérique Latine (IHEAL). Université de la Sorbonne Nouvelle (Paris III), 1993. P. 29.

<sup>16</sup> Em relação a caracterização dessas duas correntes divergentes dentro do PCB, Wladimir Pomar em seu livro “Araguaia – o partido e a guerrilha” denomina-as de duas maneiras: uma “revolucionária”, fiel aos princípios do marxismo-leninismo, e a outra “reformista”, adepta do papel progressista das Forças Armadas e no caminho parlamentar para alcançar o poder político no país. Ver POMAR, Wladimir. **Araguaia: o partido e a guerrilha** – Documentos inéditos. São Paulo: Brasil Debates, 1980. P. 9. Sobre as duas correntes e os principais nomes que as constituíam, temos o grupo liderado por Prestes e o grupo crítico as ideias e posicionamentos de Prestes, o qual denomino de “dissidente”. Dentre os principais nomes deste grupo, cito João Amazonas, Maurício Grabois, Pedro Pomar, Carlos Danielli e Calil Chade. A respeito da expulsão do referido grupo dos quadros do PCB, ver **Novos Rumos**, nº 152, 5 a 11 de janeiro de 1962. P. 1-2.

<sup>17</sup> GORENDER, Jacob. **Combate nas trevas** – a esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada. São Paulo: Ática S.A., 1987. P. 208.



É, portanto, dentro deste contexto e também devido a forte repressão desencadeada pelo regime militar no Brasil, em especial, aos seus opositores (sindicalistas, estudantes, militantes de grupos de esquerda), que alguns jovens de classe média, em sua maioria estudantes ou profissionais recém-formados em diversas áreas do conhecimento, sem os canais legais para se praticar a política naquele período, entraram na clandestinidade, passando a enfrentar o regime militar através das armas com o objetivo de instituir no país o comunismo.<sup>18</sup> Olhando o passado a partir do presente, parece algo estranho aos nossos dias, alguém deixar seus parentes e amigos, e passar a viver no meio da mata em busca de se construir um projeto de socialismo para o Brasil. Talvez, a meu olhar, pareça algo romântico. Contudo, para aqueles jovens da década de 1960 tal projeto era compatível diante da conjuntura do mundo e do Brasil naquele período. É importante destacar ainda, diante desse cenário, a que jovens estou me referindo naquele momento de enfrentamento com o regime militar. Os jovens dos quais vou tratar constituem personagens bem peculiares: são estudantes em sua maioria ligados aos movimentos estudantis e pertencentes à classe média brasileira. Portanto, não constituem uma maioria da população de jovens do Brasil daquele período. A partir dessa observação, pretendo evitar qualquer tipo de generalização sobre a participação da juventude em termos de lutas sociais/políticas no Brasil das décadas de 1960 e 1970.

Optei pelo termo nativo “paulistas” para se referir aos militantes do PC do B, pois para a população local que desconhecia suas verdadeiras identidades, esses militantes eram denominados “paulistas”. Através das narrativas de memórias dos moradores, os “paulistas” chegaram à região enquanto comerciantes, vendedores e/ou pequenos proprietários de terras vindos de São Paulo. Nas cidades e povoados da região, eles comercializavam produtos trazidos daquela cidade, e assim, passaram a ser chamados pela população com essa denominação. Portanto, os “paulistas” tornam-se um deles (isto é, moradores locais), passam a viver de forma semelhante aos moradores da região sem despertar desconfiança deles quanto as suas atividades ligadas aos movimentos estudantis ou de esquerda, de forma geral. Tiveram que ressignificar seus valores, suas vidas, seus relacionamentos pessoais em prol da causa revolucionária.

Dessa forma, seguindo as orientações do partido, os primeiros paulistas chegaram à região do Araguaia a partir de 1966. Alguns personagens tornaram-se emblemáticos, para entendermos a própria guerrilha, pois, segundo a população local, através de suas memórias,

---

<sup>18</sup> É importante ressaltar que embora as perseguições aos “inimigos” do regime militar tenha sido uma prática desde o momento da consolidação do golpe civil-militar em 1964, com a institucionalização do Ato Institucional nº 5 (AI-5), em 13 de dezembro de 1968, esta prática torna-se frequente. Para aprofundar a questão, ver RIDENTI, Marcelo. Que história é essa? In: REIS FILHO, Daniel Aarão et all. **Versões e ficções: o sequestro da história**. 1ª ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1997. P. 11- 30.



tornaram-se “heróis” da luta armada. Posso, assim, destacar a figura de Osvaldo Orlando Costa (o Osvaldão), que, naquele mesmo ano, se instalou como posseiro no povoado conhecido como Gameleiro.<sup>19</sup> Seguindo a mesma tática, em meados de 1967, João Carlos Haas Sobrinho (Dr. Juca) chegou a Porto Franco, sul do Maranhão, localidade situada à margem esquerda do rio Tocantins, em frente à cidade de Tocantinópolis, em Goiás, hoje Estado do Tocantins. Naquela cidade, o médico instalou um pequeno hospital para atender à população local.<sup>20</sup>

Assim, os paulistas foram se estabelecendo na região e criando os laços de amizade e camaradagem entre a população local. Numa área onde havia constantes migrações durante as décadas de 1950 e 1960, os paulistas não despertaram nos moradores nenhuma reação de estranhamento a sua presença, tornaram-se ao longo dos anos “um deles” vivendo na clandestinidade e buscando através de suas atitudes, o apoio dos moradores ao seu projeto.

Havia algumas regras estabelecidas pelo partido para os combatentes, forma que considero estratégia política, conforme o *Diário da Guerrilha do Araguaia*, documento elaborado pelas Forças Guerrilheiras do Araguaia, sem um autor definido. De acordo com essas regras, o combatente, em suas relações com o povo, deveria adotar os seguintes cuidados:

- a) conhecer os problemas das massas e ajudá-las na medida do possível;
- b) respeitar a família, os hábitos e os costumes das massas;
- c) não tomar nada das massas, pagar o que se compra ou devolver o que se toma emprestado;
- d) não tratar as massas com arrogância;
- e) realizar a propaganda revolucionária entre as massas.<sup>21</sup>

Além das regras acima destacadas, havia outras que impunham ao combatente/guerrilheiro(a) uma rígida disciplina, como acontece com as Forças Armadas. Essa disciplinarização está contida no *Regulamento de 32 artigos das Forças Guerrilheiras do Araguaia*. Esse regulamento busca o controle sobre todos os aspectos da vida do militante, desde o seu modo de ser (simples), a obediência, o espírito de grupo, a confiança, a disciplina, as punições para as infrações, até a entrega da vida pela causa revolucionária.<sup>22</sup>

No Relatório de Ângelo Arroyo (Joaquim)<sup>23</sup> escrito no calor dos acontecimentos, ou seja,

<sup>19</sup>PORTELA, Fernando. **Guerra de guerrilhas no Brasil**. A saga do Araguaia. São Paulo: Global, 2002. p. 75.

<sup>20</sup>CAMPOS FILHO. **Guerrilha do Araguaia** – a esquerda em armas. Goiânia: UFG, 1997. p. 81-82.

<sup>21</sup>MOURA, Clóvis. **Diário da Guerrilha do Araguaia**. (Apresentação). 3 ed.: São Paulo: Alfa-Ômega, 1985. p. 72-73.

<sup>22</sup>\_\_\_\_\_. **Diário da Guerrilha do Araguaia**, p. 67-74.

<sup>23</sup>Ângelo Arroyo (Joaquim) – Operário metalúrgico que ingressou no Partido Comunista do Brasil (PC do B) em 1945. Militante do movimento sindical em São Paulo torna-se um dos líderes do Sindicato dos Metalúrgicos na década de 1950. No Araguaia era um dos comandantes da guerrilha. Em janeiro de 1974 em companhia de Micheas



no momento de sua saída da área do conflito em 1974, encontro alguns indícios de como se dava o trabalho político no cotidiano dos moradores do Araguaia. A estratégia utilizada era a literatura de cordel, tipo de folheto distribuído entre os moradores que narrava “A vida de um lavrador”, de autoria de Lúcio Petit da Silva (Beto). Além disso, os paulistas criavam hinos de exaltação à guerrilha, teatro e festas junto aos camponeses. Nesse sentido, diz:

Antes da terceira ofensiva do inimigo, o trabalho junto a outras forças havia se estendido. Ampliaram-se os contatos com comerciantes, religiosos etc. Na propaganda, alcançou também êxito o folheto A vida de um lavrador, literatura de cordel da autoria de Beto (Lúcio Petit da Silva). Uma composição musical em ritmo de toada local (Iindô), da autoria de Osvaldo Peri (Pedro Alexandrino de Oliveira), alcançou êxito. A Rádio Tirana era ouvida por muitos elementos do povo e seus comentários eram bem recebidos. Aderiram à guerrilha, como combatentes, vários elementos da massa: em dezembro de 1972, entrou um; em abril de 1973, um; de junho em diante entraram mais cinco no A; dois no B; e dois no C. Uma boa parte da massa realizou tarefas ligadas à atividade guerrilheira.<sup>24</sup>

A citação feita por Ângelo Arroyo, traduz a dimensão das práticas políticas cotidianas exercidas pelos paulistas para conquista da população do Araguaia ao projeto de guerrilha. Nesse sentido, a utilização da literatura de cordel e composição de músicas foi uma das estratégias usadas pelos paulistas para convencer aquela população da necessidade de mudanças no país. É necessário, assim, adaptar as teorias marxistas ao ambiente social e cultural do trabalhador rural brasileiro naquele período.

A estrutura organizacional da guerrilha seguia uma certa hierarquia, ou seja, sua estrutura é de certa forma, análoga às instituições militares: formada por três destacamentos sob a liderança de um comandante, uma Comissão Militar e um “birô político”<sup>25</sup> constituído pelos principais líderes do PC do B (João Amazonas, Maurício Grabois, Ângelo Arroyo, Paulo Mendes

---

Gomes de Almeida (Zezinho) conseguem sair da região do conflito e encontrar outros militantes do PC do B em São Paulo, aos quais entregou um Relatório detalhado sobre as atividades da guerrilha. Foi morto em 16 de dezembro de 1976, numa casa onde estavam reunidos os dirigentes do PC do B no bairro da Lapa, em São Paulo. Acontecimento denominado de Chacina da Lapa. Ver disponível em: [https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/a/arroyo\\_angelo.htm](https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/a/arroyo_angelo.htm). Acesso em: 30 out. 14.

<sup>24</sup> Disponível em: [http://grabois.org.br/portal/imprimot.php?id\\_sessao=49&id\\_noticia=873](http://grabois.org.br/portal/imprimot.php?id_sessao=49&id_noticia=873). Acesso em: 29 set.14.

<sup>25</sup> A respeito do “birô político” existente na Guerrilha do Araguaia, o coronel Aluísio Madruga de Moura e Souza, militar que atuou junto ao serviço de inteligência do Exército no Araguaia na época do conflito, afirmou em seu livro “**Guerrilha do Araguaia – revanchismo: a grande verdade**”, publicado em 2002, que os militares tinham conhecimento da estrutura do movimento armado, inclusive, de seus líderes. Essas informações teriam sido obtidas através dos moradores da região e dos guerrilheiros presos durante as duas primeiras campanhas militares no Araguaia. O referido autor destacou nesse livro a estrutura organizacional da guerrilha, isto é, seus destacamentos, a Comissão Militar, o modelo de guerra – o chinês e o que denominou de “força política ou ‘Bureau’ Político”. Na visão do coronel “órgão de cúpula e decisão das forças guerrilheiras”. Ver MOURA E SOUZA, Aluísio Madruga de. **Guerrilha do Araguaia – Revanchismo: A grande verdade**. Edição do Autor: Brasília, 2002. P. 136-137.



Rodrigues, e, esporadicamente, Elza Monnerat).<sup>26</sup> Os componentes deste “birô político” não eram permanentes na área, com exceção, de Maurício Grabois e Paulo Mendes Rodrigues, que após o início das operações militares permaneceram nas matas do Pará. Além de exercerem a função de líderes do movimento armado, estes personagens eram os responsáveis pelo contato da guerrilha com os demais membros do partido que se encontravam fora da região do conflito, geralmente, em São Paulo. Assim, enquanto os guerrilheiros se encontravam no Araguaia, preparando a guerrilha, em São Paulo, encontrava-se o Comitê Central do partido, formado por Carlos Nicolau Danieli, Lincoln Cordeiro Oest e Lincoln Bicalho Roque. Eles eram responsáveis por realizar a ponte entre os guerrilheiros do Araguaia e o sul do Brasil. Coordenando a panfletagem nas cidades, davam sugestões, enviavam materiais e também dinheiro aos militantes no Araguaia.<sup>27</sup>

Como já destaquei, a presença dos paulistas na região estava voltada para uma tática de aproximação e amizade com os moradores locais, estratégia que considero uma forma de se fazer política no tempo da clandestinidade. Essa aproximação se dava através dos trabalhos que os mesmos prestavam às comunidades locais, como atendimento médico, ensino e ajuda nos trabalhos do campo. Além disso, frequentavam os locais comuns que a população da região frequentava. Dessa forma, afirma Ângelo Arroyo:

Os guerrilheiros ajudavam as massas no trabalho de roça. O Romance da Libertação era recitado pela massa. Os hinos da guerrilha, elaborados lá mesmo, eram cantados pela massa. Nas sessões de terecô (candomblé) se faziam cantorias de elogio à guerrilha. O primeiro aniversário da luta guerrilheira foi comemorado com a participação de elementos de massa. Na área do Destacamento A, fez-se reunião com a massa (mais de 50 moradores) para discutir medidas contra o Inkra. A massa achava que o Inkra era nova forma de cativoiro.<sup>28</sup>

Há ainda na descrição de Ângelo Arroyo outro aspecto que considero relevante nesse trabalho político dos paulistas com os moradores da região. A ressignificação da postura dos paulistas enquanto membros de um partido comunista. No Araguaia, esses militantes buscavam tornar-se um deles (isto é, moradores do Araguaia), visando dentre outros motivos, não serem

---

<sup>26</sup> Segundo Jacob Gorender, no início de 1972, havia três destacamentos montados e treinados para a guerra. Assim, havia o chamado destacamento A (Faveiro), localizado próximo à cidade paraense de Apinajês, comandado por João Carlos Haas Sobrinho (Juca); o destacamento B (Gameleiro), sob o comando de Osvaldo Orlando Costa (Osvaldão) e localizado próximo ao povoado de Santa Isabel, mais ou menos cinquenta quilômetros acima de São Geraldo e o destacamento C (Caiano), localizado próximo à cidade de Conceição do Araguaia, comandado por Paulo Mendes Rodrigues (Paulo). Ver GORENDER, **Combate nas trevas**, p. 208. Cada destacamento possuía aproximadamente 21 pessoas, divididas em grupos de sete; no centro, estava a Comissão Militar, formada pelo ex-deputado Maurício Grabois, o ex-metalúrgico Ângelo Arroyo, os comandantes Osvaldão e Juca. Ver PORTELA, **Guerra de guerrilhas no Brasil**, p. 76.

<sup>27</sup> PORTELA, **Guerra de guerrilhas no Brasil**, p. 114.

<sup>28</sup> Disponível em: [http://grabois.org.br/portal/impriminot.php?id\\_sessao=49&id\\_noticia=873](http://grabois.org.br/portal/impriminot.php?id_sessao=49&id_noticia=873). Acesso em: 29 set.14.



identificados e a conquista da população ao seu projeto. Dessa maneira, se justifica a participação nas celebrações religiosas, rituais afro, diálogo com padres e religiosos que atuavam na região. Considero, assim, uma peculiaridade da experiência desses sujeitos na sua atuação junto à população do Araguaia. Houve uma necessidade de mudança de seus hábitos para a conquista dos moradores locais a participação na guerrilha.

No *Diário da Guerrilha do Araguaia*, há uma passagem que resume, na visão dos próprios paulistas, como acontecia, no dia-a-dia, essa relação de amizade e da prática política junto aos moradores locais:

Os novos moradores estreitam suas relações com o povo, identificam-se com ele. São estimados e estimam sinceramente os que conhecem. Amizade não se consegue da noite para o dia. Vai-se forjando com o tempo. Uma ajuda aqui, outra acolá, o respeito às pessoas, a atenção que se lhes presta na conversa, o interesse pela sua vida, o conselho que se ouve dos que habitam o lugar, o desejo de aprender com a massa – tudo isto vai tecendo os fios invisíveis da amizade.<sup>29</sup>

Fica clara na argumentação presente nesse documento à tática usada pelos paulistas para se aproximar das pessoas da região e, aos poucos, conquistar a sua simpatia. Essa convivência foi sendo construída aos poucos e conquistada através de suas posturas no trato com os moradores. Os paulistas viviam de forma simples, trabalhavam nas roças ou vendendo mercadorias trazidas, geralmente, de São Paulo sem despertar, inicialmente, suspeitas de serem guerrilheiros. Me apropriei aqui do conceito de tática de Michel de Certeau, para fazer referência a maneira como os paulistas utilizaram para se aproximar dos moradores do Araguaia. Segundo este autor, a tática é “a arte do fraco”<sup>30</sup>, e nesse contexto, é bastante pertinente o seu uso, pois os paulistas vivendo na clandestinidade, estavam vulneráveis a constantes riscos, que incluíam as suas próprias vidas. E dessa forma, era preciso conquistar seguidores ao seu projeto e a forma utilizada foi, portanto, fazer uma espécie de política “sem ser política” na visão da população da região. Assim, através dos fios da amizade vai-se conquistando o respeito e a admiração dos moradores.

Essa tática de aproximação dos moradores utilizada pelos paulistas foi destacada no depoimento do senhor João de Deus Nazaro de Abreu, morador do povoado de nome Caianos (PA). Falando sobre o cotidiano no período anterior à chegada dos militares, disse:

E a gente também teve uma época lá antes da guerrilha, né, nós ... meu padraço fez um ... uma festa, né, uma festa que fazia aqueles mutirão pra fazer \_\_\_\_ passar pasto, né, passar pasto e no fim ajuntava toda vizinhança, fazia aquele convite, matava gado, porco e fazia aquele movimento, o pessoal trabalhava o dia todo e de noite uma festa, né, e nessa festa o Juca foi, foi Daniel, foi

<sup>29</sup> MOURA. *Diário da Guerrilha do Araguaia*, p. 26.

<sup>30</sup> CERTEAU. *A Invenção do Cotidiano: artes do fazer*. Petrópolis, Vozes, 2005.p. 101.



*tudo ajudar roçar* (...) Tinha uns três ou quatro deles lá na festa, ai foram embora, mais brincava trabalhava assim na roça como que é costumeado mesmo e ajudava mesmo o pessoal, né, eles trabalhava era assim com honestidade mesmo, a gente não via eles querer ser uma pessoa assim ...<sup>31</sup> (Grifos meus).

O depoimento do senhor João de Deus demonstra as relações de reciprocidade que existiam entre os paulistas e os moradores da região, através dos trabalhos cotidianos da população local (mutirões, roçar, plantio), nos quais os paulistas participavam, conquistando, dessa forma, a confiança e a amizade dessas pessoas. É, portanto, uma estratégia de se fazer política “sem ser política”.

Na memória da população da região, também é frequente a referência ao trabalho social realizado pelos paulistas no seu cotidiano, outra tática de se fazer política utilizada pelos paulistas. É dessa forma que se refere a senhora Gecília Sabino de Sá ao trabalho do médico João Carlos Haas Sobrinho (Juca), durante sua passagem pela cidade de Porto Franco (Sul do Maranhão):

E a relação dele era de paternalismo. Ele era como se fosse um pai para a população carente. Ele prestou muito serviço, inclusive todo o dinheiro que ele ganhava ele distribuía cestas básicas pras pessoas... As pessoas fizeram dele assim... como uma pessoa carismática mesmo. Na verdade foi o que ele foi. Muita gente chorou... choraram... famílias inteiras. Quando ele Dr. João Carlos sumiu foi como se fosse até uma romaria lá na porta do local onde ele morava, todo mundo preocupado, procurando por ele e sentindo falta. Ele distribuía medicamento, consultava, ele dava roupa e alimentação para as pessoas.<sup>32</sup>

Algo que me parece bastante evidente na relação política construída a partir da vida cotidiana dos moradores locais durante a Guerrilha do Araguaia é que a sua relação com os paulistas não constitui uma coisa unilateral. Na minha concepção, essa relação se dá através da simbiose, ou seja, existe uma reciprocidade entre as partes envolvidas. Exemplo dessa relação encontrei nas narrativas dos paulistas, no *Diário da Guerrilha do Araguaia*: “As massas fornecem-lhes comida, roupa, calçado, rede de dormir. Às vezes, a contribuição popular chega a ser comovente. O lavrador que nada possui faz questão de entregar a botina que usa, a única rede, o alimento de que necessita. Faz questão”.<sup>33</sup> Portanto, a relação estabelecida entre os moradores (“as massas”) e os paulistas (“os guerrilheiros”) dar-se através de uma prática social centrada nas relações pessoais, de amizade, de solidariedade e de respeito por ambas as partes. É, assim, uma relação política que envolve os aspectos da vida cotidiana.

<sup>31</sup> Entrevista com o senhor João de Deus Nazaro de Abreu, concedida a este pesquisador em São Geraldo do Araguaia – PA, em 05/07/2007. Gravação digital e transcrita. Arquivo Pessoal.

<sup>32</sup> Entrevista com a senhora Gecília Sabino de Sá, concedida a este pesquisador em Tocantinópolis – TO, em 24/06/2005. Gravação em fita microcassete e transcrita. Arquivo Pessoal.

<sup>33</sup> MOURA. *Diário da Guerrilha do Araguaia*, p. 53.



As relações de amizade também foram destacadas no relato do senhor Vâner Marinho, morador de Porto Franco (Sul do Maranhão). Ele conheceu e fez amizade com dois dos quatro militantes do PC do B que moraram nessa cidade antes de seguirem para a região do Araguaia. Lá chegaram, em setembro de 1967, Maurício Grabois (o Mário), Gilberto Olímpio Maria (o Pedro) e André Grabois (Zé Carlos). Juntos, tinham um pequeno estoque de roupas populares e objetos de alumínio que comercializavam com as famílias da cidade e da região. Também morou nessa cidade, João Carlos Haas Sobrinho (Dr. Juca), o qual sendo médico atuava na assistência a população da cidade e do seu entorno. Vâner Marinho, em um pequeno texto relata, através de suas memórias, a influência desses personagens na vida dos jovens da cidade. Assim diz:

Para nós, jovens moradores de Porto Franco, isolados do mundo, onde recebíamos informações apenas pelas ondas do rádio, a sua presença em nossa cidade, era de uma importância muito grande. (...) Foi aí que surgiu o nosso famoso campinho ao lado do cemitério, onde, todos os dias, íamos treinar para o jogo oficial de domingo. Zé Carlos era o responsável pela organização da pelada. Aqueles óculos de fundo de garrafa, a todo instante querendo escapular, além de sua pouca habilidade com a bola, lhe atrapalhavam bastante. Gilberto, não. Ele possuía muita intimidade com a pelota e muitas vezes, resolvia a parada para o nosso time. Os dois, implantaram em nossa mente, o gosto pelos treinos diários sempre a partir das 4 da tarde sob o sol escaldante, além de fornecer o indispensável: a bola. (...).<sup>34</sup>

Percebo no relato das memórias de Vâner Marinho como os valores e os costumes dos jovens de Porto Franco foram influenciados pela presença de alguns membros do PC do B (os paulistas) durante a fase preparatória para a Guerrilha do Araguaia. As experiências de vida desses jovens foram ampliadas a partir da chegada à cidade desses novos sujeitos. Eles trazem a novidade do que está acontecendo nos grandes centros urbanos, como, por exemplo, o corte de cabelo. Ao se referir a essa prática, continuou o autor: "Periodicamente, ele se oferecia para cortar o meu cabelo. E fazia de forma diferente dos barbeiros locais com detalhes semelhantes aos artistas de cinema cujas fotos eram publicadas pela revista O Cruzeiro".<sup>35</sup>

Além disso, há uma outra atividade cotidiana presente no relato de Vâner que foi comum nas entrevistas dos moradores realizadas em Xambioá, Santa Cruz e São Geraldo, o lazer. Durante os anos que antecederam a chegada das Forças Armadas, os paulistas buscaram conquistar a amizade dos jovens da região a partir do esporte. Partidas de futebol eram organizadas e praticadas com frequência por alguns membros do PC do B e jovens dos povoados próximos aos destacamentos guerrilheiros. Destacando a sua amizade com Paulo Roberto Pereira

<sup>34</sup>MARINHO, Vâner. **O peladeiro Zé Carlos**. Texto memorialista, mimeografado, com três páginas, no qual o autor destaca a convivência, na sua juventude, com alguns membros do PC do B (André Grabois – o Zé Carlos, Maurício Grabois – tio Mário, Gilberto Olímpio Maria – Gilberto e João Carlos Haas Sobrinho – Juca), durante os anos em que esses membros do PC do B moraram em Porto Franco, sul do Maranhão.

<sup>35</sup>\_\_\_\_\_. **O peladeiro Zé Carlos**.



Marques (Amaury), o senhor Bento Luiz Gomes de Abreu, disse: “Eu tinha muita amizade com Amaury. Amaury era muito amigo da gente, a gente jogava bola.”<sup>36</sup> Nas lembranças de Aroldo José de Sousa Pinto, morador de Santa Cruz (PA) e, na época da guerra, jovem, essa prática também foi destacada:

Eu na época era um rapaz mais jovem, formaram um time, e foram lá jogar, brincar, né? Não vei muita pessoa ... os participantes foi, parece, Amaury, o Geraldo, que era o José Genoíno na época, e também outros que veio também, mais um ou foi dois, parece uma coisa assim ... participaram ... mais eu não lembro o nome dos outros.<sup>37</sup>

Assim, de forma sutil as práticas políticas dos paulistas foram implementadas na região do Araguaia. Em tempos de clandestinidade, os paulistas conseguiram influenciar nos costumes da população local e os moradores do Araguaia também influenciaram os modos de ver o mundo dos paulistas, ensinaram a estes, as estratégias para se viver em um lugar isolado e sobreviver do que a natureza lhes oferece. São, portanto, relações de mão dupla, na qual os poderes se encontram dissolvidos nos interesses de ambos os lados. É o fazer política no dia a dia, nas relações pessoais, de amizade e de companheirismo. Política assim presente nas relações micro.

Dessa forma, as ações dos paulistas em tempos de clandestinidade constituem uma teia de relações políticas que se concretizaram em torno do trabalho social exercido por eles entre os moradores, tais como ajuda nos trabalhos da roça, atendimento médico, alfabetização, dentre outros, e as relações pessoais de amizade que marcaram as lembranças desses moradores e ajudam a construir/elaborar as suas memórias sobre os acontecimentos vivenciados durante aqueles anos de 1960 e 1970. Portanto, tomo a liberdade de discordar da afirmação oficial do PC do B que diz que o trabalho de cunho político (“trabalho de massa”) não foi realizado a tempo da chegada dos militares na área, o que explicaria na visão desse partido, o “não envolvimento” da população local com o projeto de guerra popular prolongada. Considero que o trabalho político dos paulistas na região da guerrilha, iniciou-se desde os seus primeiros contatos com os moradores dessa área em 1966. Contudo, talvez as lideranças dos paulistas, ou até mesmo, a maioria dos militantes do PC do B, tenham se equivocado com a forma de socialização dos moradores do Araguaia que levam em consideração a acolhida, a ajuda uns aos outros e a forma simples de lhe dá com os problemas do dia a dia, e terem lido tais características como possível envolvimento dos mesmos com as armas na luta contra os militares. Algo que não ocorreu em sua totalidade, pois apenas alguns tiveram esse envolvimento.

---

<sup>36</sup>Entrevista com o senhor Bento Luiz Gomes de Abreu, concedida a este pesquisador em Araguaína – TO, em 27/06/2007. Gravação digital e transcrita. Arquivo Pessoal.

<sup>37</sup>Entrevista com o senhor Aroldo José de Sousa Pinto, concedida a este pesquisador em Xambioá – TO, em 02/07/2007. Gravação digital e transcrita. Arquivo Pessoal.



Assim, a versão das lideranças do PC do B para os acontecimentos ocorridos no Araguaia, em particular, para o envolvimento dos seus moradores com o projeto de guerra popular prolongada, foi mais uma construção memorialística destes, do que de fato uma prática daqueles moradores. Enquanto pessoas comuns, estes não estavam engajados numa luta armada contra o governo militar e/ou o capitalismo excludente. Essa visão romantizada criada pelas lideranças das esquerdas de que "a maioria da sociedade" brasileira apoiou ou era simpatizante dos grupos da luta armada, merece ser problematizada. Pois, pesquisas realizadas por Carlos Fico, Daniel Aarão Reis Filho e Denise Rollemberg têm demonstrado que a "sociedade brasileira", isto é, as pessoas comuns foram indiferentes às ações praticadas pelos grupos de esquerdas nos grandes centros do país. Seus atos provocavam mais medo do que, necessariamente, simpatia ou apoio. Portanto, a ideia que a maioria dos brasileiros eram a favor da "resistência" comandada por alguns grupos de esquerda é de fato uma construção memorialística destes.<sup>38</sup> E no caso da Guerrilha do Araguaia essa questão necessita ser levada em consideração.

Segundo os depoimentos concedidos por alguns moradores do Araguaia acerca do seu relacionamento junto aos paulistas, constatei dois comportamentos por partes destes. O primeiro se refere à fase anterior as investidas das Forças Armadas à região, ocorrida a partir de abril de 1972. Até este momento, os paulistas havia conquistado uma grande simpatia da população local, e existia um relacionamento de amizade e camaradagem entre os militantes do PC do B e os moradores do Araguaia. Os reflexos desse comportamento se deram através da relação recíproca entre uma população desassistida socialmente pelo estado brasileiro naquela época e os jovens militantes urbanos que necessitam se adaptar a uma vida rural e isolada. Uns carentes de assistência médica, alfabetização e acesso regularizado a terra, e outros necessitando de conhecimentos básicos da vida no campo, como por exemplo, caçar, preparar a terra (roça) e enfrentar os desafios da floresta. É neste momento, que se estabeleceram as relações políticas cotidianas as quais busquei destacar neste artigo. Entretanto, tais relações não significa apoio dos moradores ao projeto revolucionário, como em muitos casos, são relatados nos documentos

---

<sup>38</sup> Dentre a produção historiográfica acerca da questão das memórias construídas pelas esquerdas em relação a "resistência" armada a ditadura civil-militar, cito como exemplo, o livro do historiador Daniel Aarão Reis Filho, "Ditadura e Democracia no Brasil", o qual, dentre outras questões, analisa a construção das memórias da esquerda sobre a resistência armada aos governos militares e o ensaio da historiadora Denise Rollemberg, "Esquerdas revolucionárias e a luta armada", que também problematiza essa questão. Dentro dessa mesma visão, o artigo do historiador Carlos Fico "Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar". Para aprofundar essa temática ver REIS FILHO, Daniel Aarão. **Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à Constituição de 1988**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014 e ROLLEMBERG, Denise. **Esquerdas revolucionárias e luta armada**. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Orgs). **O Brasil Republicano e o tempo da ditadura – regime militar e movimentos sociais em fins do século XX**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 45-91. FICO, Carlos. Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. In: **Revista Brasileira de História**. V. 24, nº 47, São Paulo, 2004.



oficiais do PC do B sobre a Guerrilha do Araguaia. O segundo comportamento dos moradores se dá com a chegada das Forças Armadas ao Araguaia. De forma truculenta, os militares chegam a área a procura dos “terroristas”, “comunistas” e “assaltantes de bancos” fugidos dos grandes centros e, possivelmente, vivendo entre a população do Araguaia. As ameaças e perseguições aos guerrilheiros são estendidas a população local através das prisões de alguns moradores, queimas de suas plantações e até mesmo a tortura. Diante daquele clima tenso e opressor, muitos destes moradores optaram pelo silêncio e/ou negação de conhecer os militantes do PC do B. Essa prática por parte da população local, entretanto, não deve ser interpretada enquanto covardia e ou indiferença para com os paulistas, mas como uma maneira de sobreviver numa época de medo e guerra.